



O OLHAR DO ESTÁGIÁRIO ACERCA DA ATUAL REALIDADE EDUCACIONAL

Catichilene Gomes de Sousa*

RESUMO

Este artigo é resultado do Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e suas Literaturas, desenvolvido no ano de 2009 e 2010, o qual teve o intuito de apresentar e preparar os futuros profissionais desta área. O estágio foi desenvolvido em três etapas/semestres distintas. Na primeira etapa foram observadas e descritas as aulas. Na segunda e terceira etapas foi realizado à regência pelos acadêmicos. Como disciplina obrigatória do curso de Letras, a proposta do estágio é obter informações sobre a realidade educacional, visando que o acadêmico vivencie o contexto escolar, além de identificar quais teorias estão sendo aplicadas pelos professores, quais métodos surtem mais efeito, quais ferramentas instigam a curiosidade dos alunos e etc., de forma a prepará-lo para o exercício da profissão. Além disso, utiliza como aporte teórico autores que discutem as práticas pedagógicas assim como a Orientação dos Parâmetros Curriculares no âmbito educacional.

Palavras-chave: Escola. Estágio. Práticas Pedagógicas. Língua Portuguesa. Literatura.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado do Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e suas Literaturas, que iniciou no segundo semestre de 2009 estendendo-se ao final do ano de 2010, o qual teve o intuito de apresentar e preparar os futuros profissionais desta área. O estágio foi desenvolvido em duplas e em três Escolas Públicas que oferecem o Ensino Fundamental e Médio, sendo subdivida em três etapas/semestres distintas, totalizando 60 horas/aulas trabalhadas dentro do espaço escolar.

A primeira etapa visou proporcionar ao acadêmico o primeiro contato com o ambiente escolar, a ponto que este pudesse observar e descrever as aulas de Língua Portuguesa e suas

* Professora Licenciado em Letras (2010) pela UNEMAT, *campus* Universitário de Sinop. Cursista da Especialização Linguística Aplicada ao ensino de Língua Portuguesa e Língua Inglesa (2011) pelo departamento de Letras da UNEMAT/Sinop. Professora da E.E Nova Chance, Sinop/MT.

Literaturas no Ensino Fundamental e Médio, bem como o funcionamento da escola, os aspectos físicos e humanos, a prática pedagógica e o contexto escolar.

Muitos dos professores já consagrados na profissão ficam hostilizados quanto à presença dos estagiários em suas aulas, isso porque se tem a ideologia que o acadêmico só observa aquilo que é errado, e muitas vezes não retorna à escola para socializar as informações obtidas, consentindo somente a Universidade tais informações, o que deixa uma parcela de professores chateados.

No entanto, há uma boa parcela de professores que aceitam o estagiário, mesmo que venha a observar o que é certo ou errado, pois o papel do estágio é esse, perceber e identificar quais teorias estão sendo aplicadas pelos educadores, quais métodos surtem mais efeito, quais ferramentas instigam mais a curiosidade dos alunos e etc..

Então, somente nas próximas etapas que os acadêmicos vivenciarão a prática pedagógica, logo se fez necessário atribuir à segunda etapa o estágio no Ensino Fundamental e à terceira etapa o Ensino Médio, ambos com o intuito de obter informações da atual realidade educacional, de forma que fossem realizadas discussões e socializações acerca das práticas pedagógicas, assim como colaborar para o processo da formação e construção de ensino-aprendizagem deste futuro profissional.

Utilizamos como aporte teórico autores que discutem as práticas pedagógicas assim como os PCNs que orientam a educação escolar.

2 RELATOS DE ESTÁGIOS

A escola sempre esteve vinculada ao papel de formadora da humanidade, isso é verdade em partes, pois o que muitos confundem é que a escola tem a obrigação de ensinar boas maneiras, e isso não é verdade. O papel da escola é de oferecer aos alunos oportunidades de ensino-aprendizado para assim exercer sua cidadania.

O espaço escolar durante a formação estudantil é o único lugar assegurado por lei que tem como objetivo primordial promover a comunicação, a interação e a contextualização dos conhecimentos científicos. Logo, o ensino da Língua Portuguesa e suas Literaturas têm o papel essencial na formação humana, que segundo os parâmetros curriculares nacionais, sua presença,

[...] é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende seus pontos de vista, partilha ou constrói visões do mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso

aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (PCNs, 1997, p.15).

Em virtude disso, os futuros professores de Língua Portuguesa e de Literatura são corresponsáveis no desenvolvimento da interação dos alunos diante das necessidades do mundo, haja vista que, o conhecimento necessário será formado ao longo da jornada estudantil, ou seja, a função do professor e da escola é de oportunizar aos seus estudantes caminhos para quando saírem da instituição sejam capazes de exercer sua cidadania, como, dentre “[...] os muitos desafios que a escola tem de enfrentar na formação do homem [...] ganha especial relevo a questão da comunicação, já que somente através dela o homem pode interagir com o outro e compreendê-lo [...]” (TRAVAGLIA, 2003, p.40).

Sendo assim, a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado de Língua Portuguesa e suas Literaturas, durante as três fases, além de serem disciplinas obrigatórias para a conclusão do curso de Letras, tem como objetivo maior, oferecer ao futuro profissional mecanismos que vem a contribuir na sua formação acadêmica, em consequência, proporciona ao acadêmico o momento de por em prática todas as teorias até então estudadas, e revelando as concepções de ensino que foram apresentadas ao longo do curso, haja vista que “[...] a educação é uma prática, mas uma prática intencionada pela teoria [...]” (LIBÂNEO; TOSCHI, 2003, p.19), isto é, o período do estágio é de crucial importância devido às experiências obtidas, mesmo que seja apenas 60 h/a, pois o contato com a realidade escolar é fundamental para a formação do professor.

Em busca de descobrir quais os melhores caminhos a seguir na prática pedagógica, percorramos agora, aos resultados obtidos em cada fase.

2.1 PRIMEIRA FASE: Estágio de Observação

Ao passo do encerramento do Estágio de Observação (1º Etapa), a conclusão obtida foi que os professores **A** e **B**¹, mesmo atuando há 22 anos mostraram-se preocupados com as novas mudanças na área da educação, mantendo-se atualizados através de cursos de formação continuada, para que as suas práticas não fiquem sempre naquela aula tradicional, evidenciando que buscam aderir o que está estabelecido nos parâmetros curriculares.

Porém, em uma determinada aula do professor **B**, os alunos ao apresentarem no laboratório de informática o projeto desenvolvido durante o bimestre, o professor aparentemente demonstrou desconhecer algumas noções de informáticas, visto que sempre

¹ **A** corresponde ao professor do Ensino Fundamental e **B** corresponde ao professor do Ensino Médio.

mostrou ter domínio de sala e conteúdo, logo, a falta de conhecimento do professor acarretou no atraso da apresentação e teve que chamar outro para auxiliá-lo.

O professor é a figura mais importante no processo de aprendizagem, pois é ele conhecedor de uma área de conhecimento e das áreas afins. Tem uma visão de conjunto do que é a sociedade, deve conhecer os processos mentais pelos quais o estudante passa. Por isso o domínio das técnicas inovadoras e atualização contínua de conhecimentos devem fazer parte de sua rotina de trabalho. (BETTEGA, 2004, p.95).

Nos dias atuais, o professor deve manter-se não só atualizado quanto a sua metodologia, mas também com os recursos tecnológicos, além de “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para construir e adquirir conhecimento” (PCNs, 1997, p. 12), utilizar dessas estratégias são fundamentais para as suas práticas, ou seja, na aula observada ficou visível que o professor não costumava utilizar esses recursos, pois nas aulas em que trabalhava a argumentação com os 2º anos do Ensino Médio poderia ter usufruído dessas tecnologias para que suas aulas tornassem mais interessante, dinâmica e que os alunos produzissem e refletissem mais.

Portanto, além do professor estar sempre atualizado, é necessário que este pesquise e busque nos novos recursos tecnológicos meios para que sua prática não deixe a desejar, porque o professor não tem que competir com as novas tecnologias. O computador utilizado de forma coerente nos proporciona possibilidades de comunicação com culturas diferentes, facilitando na aprendizagem, assim como um caminho de instigar a curiosidade dos alunos e interagindo nesse novo ‘mundo’ tão adorado por eles.

Já num contra ponto, o professor A mostrou ter mais afinidade com os recursos tecnológicos, sendo que buscou deste meio para atrair a atenção dos alunos, porém, ficou evidente que não conseguiu fazê-la, porque chegou um determinado momento que interrompeu a prática interativa e focalizou no método tradicional, revelando que ficavam mais quietos quando a prática era meramente expositiva. Isso pode ter acontecido talvez porque o professor não tinha feito um planejamento ou por não ter um plano ‘B’, simplesmente, confiou na sua vasta experiência. O que ficou claro que quanto mais experiente um profissional se torna mais confiante ele fica, mas ao se tratar da educação, que constantemente, evolui, é indispensável o plano de aula, isso porque,

O próprio ato de planejar deve se submeter a uma constante avaliação todo o processo. A avaliação do processo de planejamento deve ser a mais criteriosa e científica, para se evitar falhas na sua elaboração e estruturação. O planejamento deve ser constantemente avaliado e reavaliado [...]. Planejar, portanto, é pensar sobre aquilo que existe, sobre o que se quer alcançar, com que meio se pretende agir e

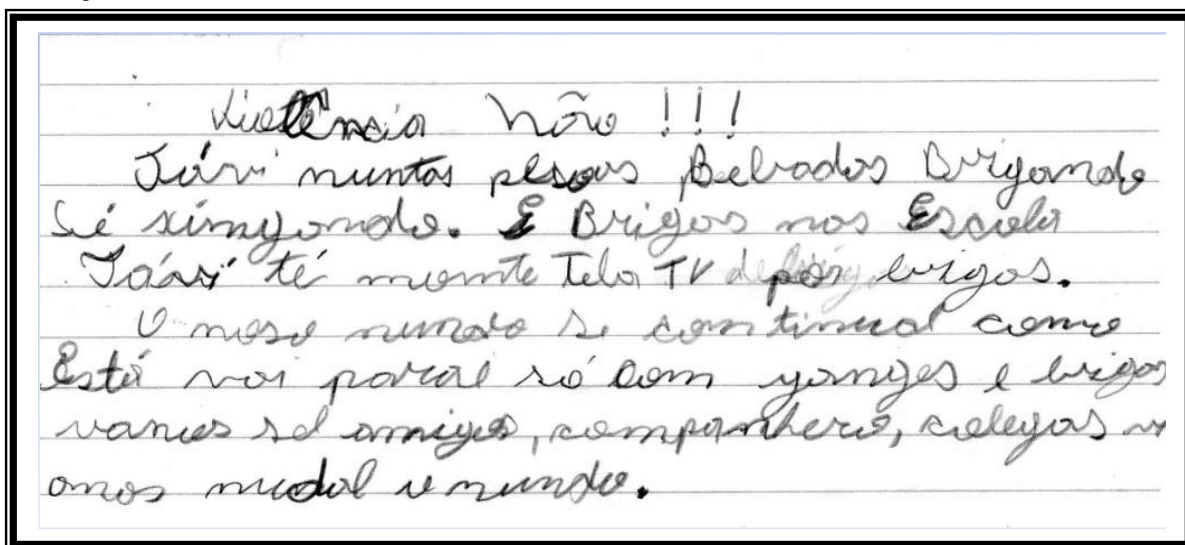
como avaliar o que se pretende atingir. (MENEGOLLA; SANT'ANNA, 2003, p.21).

Enfim, a prática do professor deve sempre estar atualizada com as constantes mudanças no ensino-aprendizagem e reavaliando suas metodologias com o intuito de alcançar seus objetivos e promover as transformações necessárias para a construção do conhecimento, ou seja, ser professor de Língua Portuguesa é mudar suas atitudes, ser confiante, interagir com alunos e comunidades, e saber “[...] que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção.” (FREIRE, 2002, p.12). E ser um eterno aprendiz.

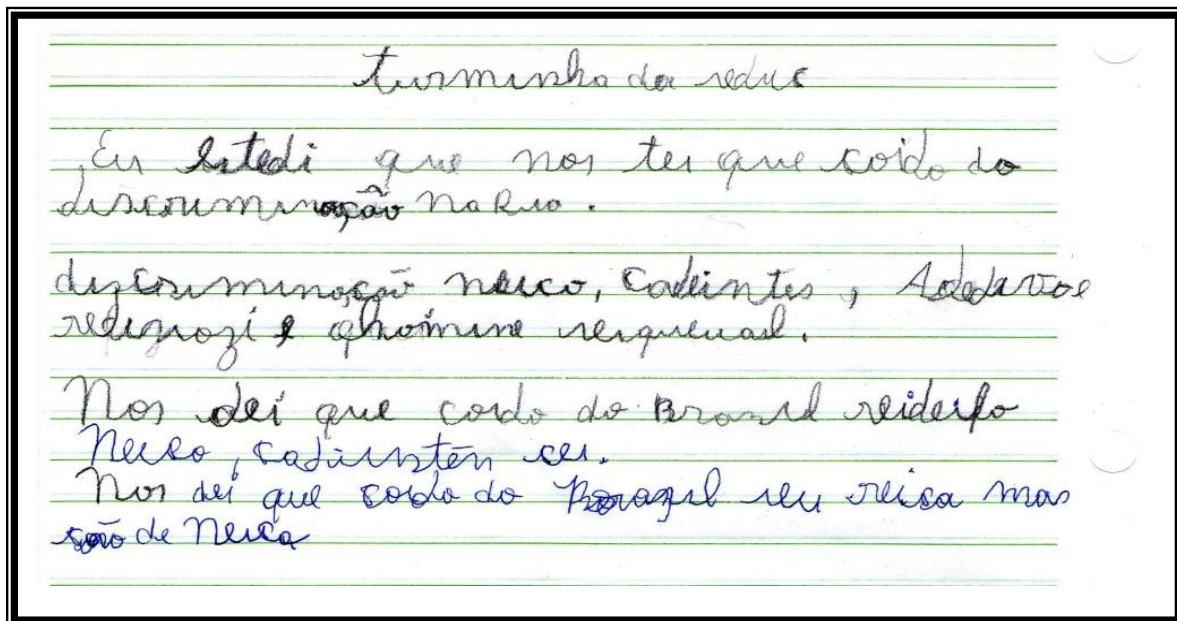
2.2 SEGUNDA FASE: Estágio de Regência no Ensino Fundamental

A segunda etapa do estágio, o qual coloca o acadêmico pela primeira vez como responsável pelo planejamento, metodologia, conteúdo e etc., aliás, é neste momento que o estagiário irá realmente ‘colocar a mão na massa’. Como referido anteriormente, a segunda fase foi constituída no Ensino Fundamental, então juntamente com os professores supervisores da universidade e com a coordenação da escola foi elaborado um projeto de apoio aos alunos com dificuldades de aprendizado, sendo trabalhada a leitura e a produção textual.

Imagem 1 – Texto do aluno do 8º Ano



Fonte: Catichilene Gomes de Sousa, Acervo Particular, 2010.



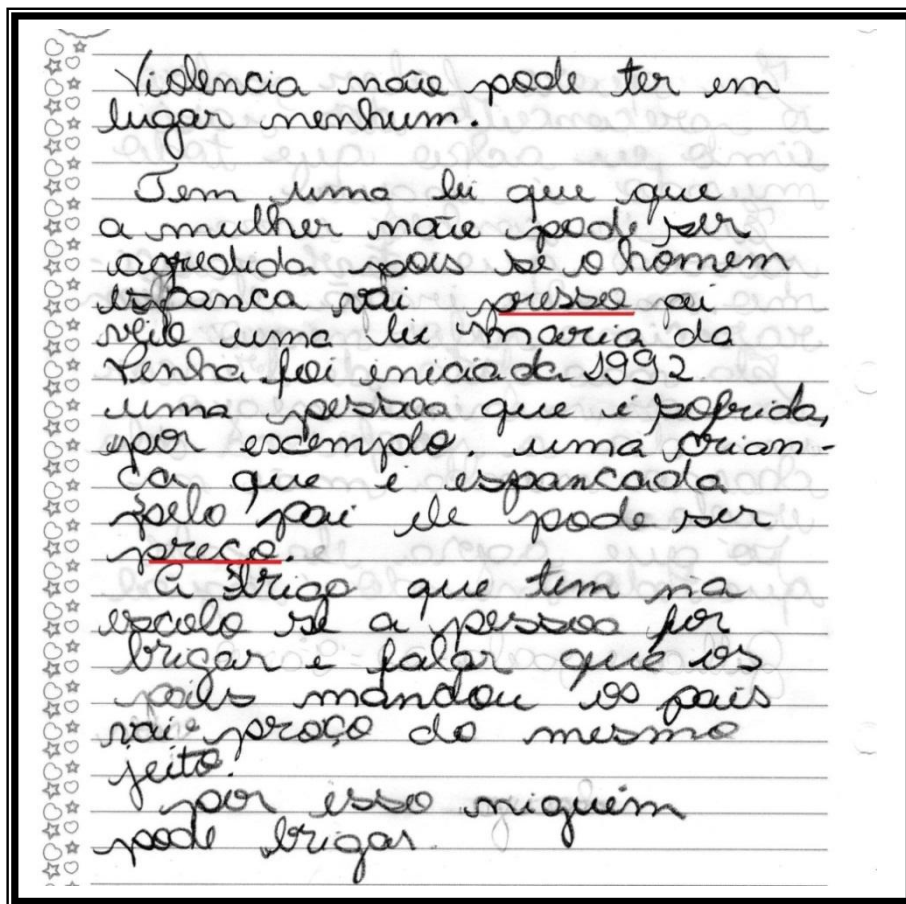
Fonte: Catichilene Gomes de Sousa, Acervo Particular, 2010.

Os textos produzidos pelos alunos revelaram que há falha no ensino-aprendizagem, isso porque, determinados destes que hoje se encontram no 8º ano, apresentaram textos como se estivessem no 6º ano, levando em consideração que não conseguiu produzir o texto dentro da norma padrão, mas em relação o sentido, sim. Já os alunos do 6º ano, como se fossem primários, além da falta de coerência e coesão, percebe que houve falhas na formação da alfabetização, como mostra os textos acima.

Por mais que a escola esteja desenvolvendo seu papel, muitas vezes depara com determinados obstáculos, no caso as políticas educacionais. Exemplo disso foi a reciclagem do ensino, pois alunos com idade superior ao permitido pela série teve que fazer uma prova objetiva para equilibrar-se. Isto é, a escola ao mudar o ensino seriado para o ciclizado foi obrigada a fazer a reciclagem através de um método que aos olhos dos profissionais da área é uma forma de mascarar o péssimo ensino. Vejamos um texto produzido por um aluno do 9º ano que passou por esta 'reciclagem':

Fica evidente no texto, abaixo, que o aluno apresenta sérios problemas na redação, porque ao tentar escrever duas vezes a palavra 'preso', no sentido de aprisionado, primeiramente acaba por escrever 'presso' e depois 'preço', sem contar a enorme dificuldade em desenvolver um texto coerente.

Imagem 3 – Texto do aluno do 9º Ano



Fonte: Catichilene Gomes de Sousa, Acervo Particular, 2010.

Durante o desenvolvimento do estágio ficou visível à falta de conhecimento que determinados alunos têm em relação à língua materna, pois além das falhas, como mencionadas anteriormente, mostra a fragilidade do ensino devido algumas políticas educacionais, mesmo porque, a escola mostrou que tem potencial e estrutura suficiente para oferecer aos alunos ensino de qualidade.

Após várias tentativas em descobrir o porquê de tanta dificuldade em produzir os textos, foi através de leitura sobre a psicogênese da escrita que conseguimos apontar alguns desses erros. Os estudiosos apontam que a criança mesmo antes de iniciar o processo de alfabetização ela já tem o domínio da fala, e é por isso, que iniciam o processo através da identificação dos fonemas. Assim, a criança ao terminar a alfabetização estará apta para reconhecer o sistema linguístico da língua, porém, os estudiosos apontam que o fato desse aluno escrever de forma errada pode estar relacionado à variação linguística, visto que, em muitos casos, os falantes não falam dentro da norma culta padrão, e assim,

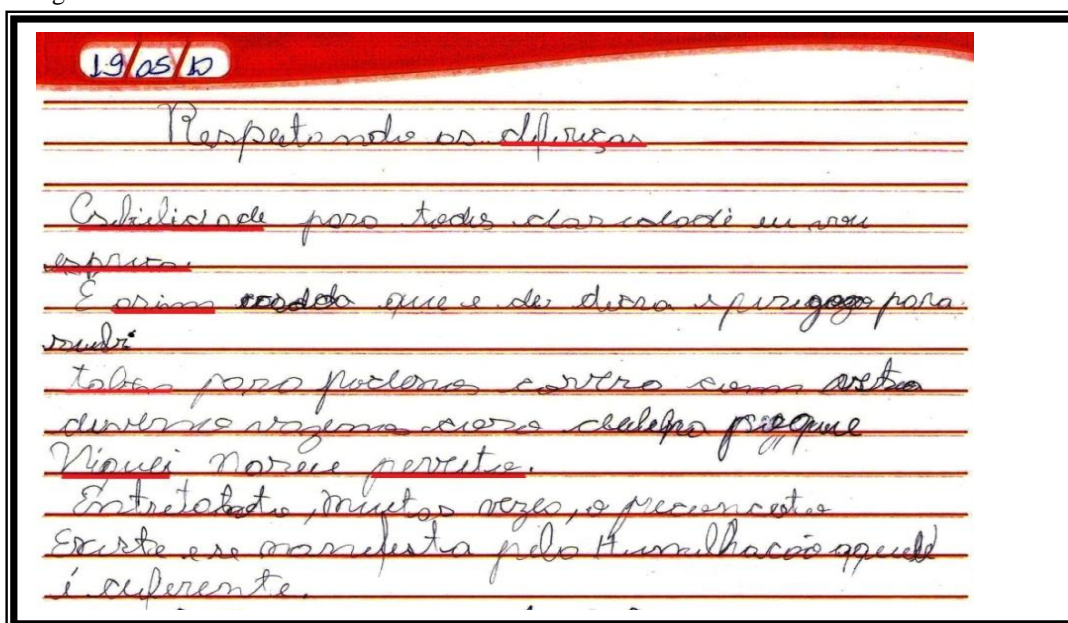
Nas tentativas de escrever, a criança vai aprendendo tanto as correspondências do sistema escrito com a fala, quanto as diferenças entre esses dois modo de produção de linguagem. Na escrita, a produção se dá em condições diferentes da fala implicando a

geração de um fluxo de discurso que se apóia na representação mental da interação com o destinatário. (GÓES & SMOLKA, 1995, p.54)

E em função disso, a criança ao iniciar o processo de alfabetização, normalmente estará apresentando esse conflito entre a identificação dos sons das palavras com a escrita, logo, “... a aprendizagem da leitura e da escrita é uma questão mecânica; trata-se de adquirir a técnica para o texto decifrado. [...] ler equivale a decodificar o escrito em som...” (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999, p. 22) e quando o professor ao pronunciar as palavras deve tomar muito cuidado ao articulá-las para não prejudicar esse processo.

E dentro os estudos sobre a psicogênese da escrita, um aluno do 6º ano chamou a atenção devido o enorme grau de dificuldade que apresentou nas suas produções, mostrando erros primários como: troca de letras, quando usa o ‘v’ em vez de ‘f’ na palavra ‘perfeito’, ou ‘r’ em vez de ‘l’ na palavra ‘explicar’; ausência da marcação nas palavras nasais, como nas palavras ‘diferença’ e ‘também’; e, principalmente as palavras dos fonemas parecidos, como ‘acessibilidade’, ‘explicar’ e ‘assim’, revelando a dificuldade do aluno com a memorização dessas regras da língua, como mostra o texto abaixo:

Imagem 4 – Texto do aluno do 6º Ano



Fonte: Catichilene Gomes de Sousa, Acervo Particular, 2010.

Vale ressaltar que os estudos da psicogênese da escrita estão direcionados aos primeiros anos da criança, e por isso, a aflição em decorrência do que vem sendo ensinado nas escolas. Lógico que não podemos generalizar, os alunos que compareceram às aulas de apoio eram considerados pela escola os que tinham baixo aprendizado e escola solicitou para que

comparecessem no contra turno, porém, apenas uma porcentagem de 50% vinha às aulas, demonstrando, a falta de comprometimento dos mesmos com o conhecimento.

Independentemente, das faltas dos alunos às aulas, manteve-se o comprometimento com o planejamento, pois o ato de planejar “[...] é pensar sobre aquilo que existe, sobre o que se quer alcançar, com que meio se pretende agir e como avaliar o que se pretende atingir [...]” (MENEGOLLA; SANT’ANNA, 2003, p.21). Então, foi proposto à eles que fizessem a reestruturação dos textos com o intuito de mostrar-lhes o caminho para produzirem um texto coerente e coesivo, e, como diz o ditado popular “é errando que se aprende”, em outras palavras, o aluno não pode ficar a mercê esperando que as palavras apareçam “num passo de mágico”.

Como esta fase foi desenvolvida apenas em duas semanas, o esforço foi compensatório, sendo perceptível a melhora significativa na produção dos textos, aliás, os alunos entenderam que o que faltava, muitas vezes, era a leitura, isto é, ler e escrever são imprescindíveis para uma produção rica em elementos linguísticos, evidenciando o conhecimento que possui.

2.1 TERCEIRA FASE: Estágio de Regência no Ensino Médio

O estágio de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Médio vêm “[...] reafirmar a relevância da noção de cidadania [...]” (OCN, 2006, p. 87), de forma que esteja contextualizada, uma vez que “os objetivos da Educação Básica, no art. 22 da LDB, já apontam a finalidade da disciplina, ou seja, ‘desenvolver o educando, assegurar-lhe formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores’[...]”. (PCNEN, 2000, p. 17).

Dessa forma, ao iniciar a prática de estágio alguns assombramentos permeiam a vida do acadêmico, como o medo de fracassar, de errar, de esquecer e etc., pois apesar do mundo escolar não ser estranho, torna-se desconhecido, em função disso o estagiário passa então, buscar a melhor forma de ensinar, que segundo a LDB:

O processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa deve basear-se em propostas interativas língua/linguagens, consideradas em um processo discursivo de construção do pensamento simbólico, constitutivo de cada aluno em particular e da sociedade em geral. [...] O trabalho do professor centra-se no objetivo de desenvolvimento e sistematização da linguagem interiorizada pelo aluno, incentivando a verbalização da mesma e o domínio de outras utilizadas em diferentes esferas sociais. (PCNEN, 2000, p. 18).

E a fim de por em práticas essas propostas interativas como estabelece os PCNS, o estágio desenvolvido no Ensino Médio buscou através do projeto Pré-Vestibular promover as disciplinas de forma que elas estivessem contextualizadas com esse mundo, propondo aprimorar o conhecimento bem como a prática dos mesmos de forma que os alunos pudessem interpretar o que é exigido nos vestibulares, viabilizando a comunicação, o senso de observação e a interpretação crítica-reflexiva.

Então dentro dessa perspectiva, a proposta foi contemplar um tema de Língua Portuguesa e o outro de Literatura, assim, durante uma semana, os alunos teriam a oportunidade de relembrar/conhecer quatro conteúdos de Língua Portuguesa e quatro obras literárias que eventualmente estão presentes nos vestibulares.

Dentre os conteúdos planejados, vale ressaltar os Gêneros Discursivos e a obra **Contos Novos** de Mário de Andrade. Trabalhar os gêneros discursivos na escola “[...] segundo L.A. Marcuschi como práticas sócio-históricas, se compõem como atividades para atuar sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo [...]” (LESSA, 2010), assim, facilita a habilidade comunicativa que o professor necessita para conduzir a aula, pois a utilização do gênero contribui para que haja a interação sem muitas dificuldades entre os alunos e o professor, mesmo estes pertencem a grupos “distintos”, mas estão presentes dentro do mesmo mundo linguístico.

Diante disso, pensar em gêneros discursivos enquanto atividade de vestibular é compreender que as questões visam trabalhar o domínio interpretativo reflexivo que os estudantes possuem, visto que,

As questões de vestibulares trazem textos pertencentes a diferentes gêneros textuais. Para 286 identificá-los, fique atento às características básicas de estrutura, temática e estilo. Os tipos textuais, por sua vez, estão presentes nos mais diferentes gêneros de texto. Reconhecer as características gerais de trechos narrativos, descritivos e dissertativos é um importante recurso para identificar as informações principais veiculadas pelos textos. (GUIA DO ESTUDANTE, 2010).

Partindo desse pressuposto, os gêneros discursivos vêm a contribuir com as aulas de Língua Portuguesa, sendo possível adentrar outros assuntos, como a intertextualidade, uma vez que este recurso é muito comum nas questões de Língua Portuguesa bem como “[...] A importância de liberar a expressão da opinião do aluno, mesmo que não seja a nossa, permite que ele crie um sentido para a comunicação do seu pensamento [...]” (PCNEN, 2000, p. 21-2).

Por outro lado, o relacionamento dos alunos com as novas tecnologias contrapõe-se com as leituras das obras literárias, exigidas nos vestibulares, as quais causam desinteresse por ser consideradas pelos eles como uma linguagem difícil e diferente à que eles convivem,

logo, dificultará o andamento das aulas. Desta forma, a responsabilidade de tornar essa aula descontraída é do professor, visto que ele pode fazer com que o aluno perca todo o interesse ou fazê-lo amá-la.

Captar a necessidade da literatura é poder ir e voltar na história e, poder compreender as relações, os efeitos, a cultura, os ideais, as condutas sociais e assim conhecer a humanidade “[...] Indo às raízes [...] por meio da criação estética.” (PCNEN, 2000, p. 20). Logo, a relação dos alunos com os temas abordados não acarretaram na não compreensão, pois o método de avaliação utilizado, no qual buscou diagnosticar o aprendizado através de simulado foi satisfatório, revelando que de 75% dos alunos internalizaram os conteúdos trabalhados em sala, sendo que,

[...] A avaliação escolar é o termômetro que permite avaliar o estado em que se encontram os elementos envolvidos no contexto. Ela tem um papel altamente significativo na educação, tanto que nos arriscamos a dizer que a avaliação é alma do processo educacional. [...] O que queremos é sugerir meios e modos de tornar a avaliação mais justa, mais digna e humana. (SANT’ANNA, 1995, p. 7).

Contudo, os resultados obtidos acerca do simulado foram relevante à prática do estágio, que além de fornecer todos os mecanismos necessários para o futuro professor, fez-se perceber a sua importância na aplicabilidade para o Ensino Médio, assim cabe ao educador colher dados sobre os alunos que venham a compor o seu grupo de sala de aula, tanto antes de ela estar formada, quanto após o início e durante todo o desenvolvimento do ano letivo, para que possa ele tomar medidas e aperfeiçoar seus métodos, a fim de, com propriedade, conseguir instalar os padrões necessários ao bom desempenho escolar, em cima das necessidades ou possibilidades apontadas pelos levantamentos que consiga captar.

3 CONSIDERAÇÕES

Durante quatros anos, as teorias estudadas ao longo do curso mostraram que sem a prática não é possível constituir um docente qualificado, visto que requer dedicação e interesse da parte do acadêmico. No entanto, a disciplina como um todo visa prepará-lo para o futuro imediato, assim como, a possibilidade de aproximação com o possível ambiente de trabalho, a vivência com a realidade escolar e a visualização de como o ensino de Língua Portuguesa e literaturas é tratado na escola pública.

O fato de o estágio ser dividido em três fases é algo relevante para a formação acadêmica, pois contribuem para o desenvolvimento profissional, isso porque, durante os cinco semestres iniciais, os acadêmicos apenas têm contato com atividades teóricas que

servem de base para principiar o estágio. Assim no sexto semestre quando começa as práticas de estágios, o estagiário tem que estar preparado em relação aos conteúdos que serão abordados na escola, como a gramática da língua materna, literaturas e a língua inglesa. No entanto, o que acontece em alguns casos, é o despreparo, já que a disciplina que ajuda a transcender o aluno a professor, a didática, é pouca, ou seja, apenas 60 horas, que evidencia o medo e o receio de não concluir o trabalho.

As atividades desenvolvidas na primeira fase do estágio, a observação, revelaram que o planejamento é essencial para que a aprendizagem aconteça, além de mostrar que aulas lúdicas instigam mais os alunos; que a falta de alguns recursos tecnológicos podem prejudicar no desenvolvimento da aula, logo uma aula bem planejada e trabalhada, oferece todas as habilidades necessárias para a construção da aprendizagem, assim um professor qualificado que aplica técnicas inovadoras, será agraciado e respeitado pelos alunos.

Outro fator pertinente para esta fase é o reconhecimento da concepção metodológica que cada professor utiliza em sala, haja vista que nesta fase o acadêmico busca identificar qual metodologia favorece a aprendizagem, e ao mesmo tempo perceber e assimilar a sua eventual metodologia.

Em relação à fase de docência no Ensino Fundamental, a qual coloca o acadêmico à frente de uma classe pela primeira vez, fica evidente o medo, o receio, a vergonha e o despreparo. Por outro lado, é o momento crucial de por em prática as teorias que foram estudadas durante o curso e vivenciar uma rotina estudantil, como: a elaboração dos planejamentos de aula e a execução, para assim ser feita uma auto-avaliação de qual postura metodológica surte mais efeito para a concretização do aprendizado.

A maior dificuldade encontrada nesta fase é a necessidade de um discurso mais próximo ao contexto escolar em que esses alunos do Ensino Fundamental convivem, isto é, o estagiário precisa adaptar-se a esse novo meio para que a falta dele não prejudique no desenvolvimento de sua aula, evitando que não ocorra a ausência da interação primordial entre aluno e professor.

Em contrapartida, o desenvolvimento da fase de docência no Ensino Médio, mostra que há uma determinada aproximação com o discurso acadêmico, em virtudes de, esses alunos possuírem um amadurecimento maior em relação ao conhecimento, logo a prática não se torna dolorosa, aliás, esta fase instiga e desafia o estagiário a planejar aulas que incita a curiosidade e a vontade dos alunos em conhecer e aprender. Assim, as etapas anteriores tornam-se imprescindíveis para a maturidade profissional do acadêmico.

Ainda assim, um fato que chama a atenção para o ensino de Língua Portuguesa e Literaturas no Ensino Médio, é a insegurança deles nos vestibulares, uma vez que durante nove anos de estudo sempre esteve presente esses aprendizados, no entanto, o medo de serem reprovados supera o conhecimento, deixando o nervosismo falar mais alto que o conhecimento.

Essas e outras percepções somente são possíveis devido à disciplina promover uma socialização entre os envolvidos ao término do estágio, visto como um mecanismo que permite aos acadêmicos fazerem reflexões acerca dos erros cometidos, podendo assim evitá-los no futuro.

Em suma, para que essas questões não existam é necessário que o estagiário sinta-se comprometido com o ensino, pois a quantidade das horas trabalhadas na escola não é o suficiente para torná-lo um professor seguro de suas práticas, mas que não deixa de ser essencial para a formação acadêmica.

THE LOOK OF TRAINEE TEACHER ABOUT PRESENT EDUCATIONAL REALY

ABSTRACT²

This article is result of Supervised Traineeship of Portuguese Language and its Literature, one developed in years 2009 and 2010, which had the purpose of showing and prepare the professionals future this area. The traineeship was developed in three different stages. In the first stage was observed and described the classes. In the second and third stages was carried out the regency by the academics. As compulsory subject of Letras course, the aim of stage is obtain information about educational reality, in order to the students experience deeply the school context, besides identify which theories are being applied by teachers, which methods had an effect better, which tools instigate the students' curiosity and etc., in order to will prepare them to the service of profession. Besides, this article uses as approach theoretical authors that discuss teaching practices and Curriculum Parameters' Orientations in the educational field.

Keywords: School. Traineeship. Pedagogical Practices. Portuguese Language. Literature.

REFERÊNCIAS

² Tradução de própria autoria. (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

BETTEGA, M. H. **Educação continuada na era digital**. São Paulo: Cortez, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes Necessários à Prática Educativa. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

GÓES, M. C. R.; SMOLKA, A. L. B. A Criança e a Linguagem Escrita: Considerações sobre a produção de textos. In: ALENCAR, E. S. **Novas Contribuições da Psicologia aos Processos de Ensino Aprendizagem**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GUIA DO ESTUDANTE: Português, Vestibular & ENEM. Revista. Editora Abril. 2010.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. **Educação Escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003.

LESSA, David Perdigão. **O Gênero textual e a sua aplicabilidade em sala de aula**.

Disponível em:

<http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_001/linguagem/O%20G%20CANERO%20TEXTUAL%20CHARGE%20E%20SUA.pdf> Acesso em: 14 out. 2010.

MENEGOLLA, M.; SANT'ANNA, I. M. **Por que Planejar? Como Planejar? Currículo, Área, Aula**. 13. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.

ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO (OCNEM). **Linguagens, Códigos e suas tecnologias**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, v.1. 2006.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs). **Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental - Língua Portuguesa**. Brasília/DF, Secretaria de Educação MEC/SEF: 1998.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DO ENSINO MÉDIO (PCNEN).

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2010.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que Avaliar? Como Avaliar?: Critérios e Instrumentos**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática**: Ensino Plural. São Paulo: Cortez, 2003.